



CCB

13 E 14 DEZ 24

**HÁ QUALQUER
COISA PRESTES
A ACONTECER
VICTOR HUGO
PONTES**

© João Octávio Peixoto

**ARTES
PERFORMATIVAS
E PENSAMENTO**

Temporada 2024/2025

Dança — Encomenda CCB

Sex, 20h / Sáb, 19h

Grande Auditório

M/16

Acessibilidade: Sessão de 14 de dezembro
com audiodescrição

Direção artística **Victor Hugo Pontes**

Cenografia **F. Ribeiro**

Direção técnica e desenho de luz **Wilma Moutinho**

Música original **João Carlos Pinto**

Arranjos musicais de obras de **J.S. Bach** e **C. Debussy**

Músicos gravados **Pirri Pimentel Rodrigues** e **Bruna Maia de Moura**

Assistência de direção **Cátia Esteves**

Consultoria artística **Madalena Alfaia**

Direção de produção **Joana Ventura**

Produção executiva **Mariana Lourenço**

Assistente de produção (estagiária) **Nuna Reis**

Intérpretes **Abel Rojo, Alejandro Fuster, Ana de Oliveira e Silva, Ângela Diaz**

Quintela, Daniela Cruz, Dinis Duarte, Esmée Aude Capsie, Fabri Gomez,

Guilherme Leal, Inês Fertuzinhos, João Cardoso, José Jalane, Liliana

Oliveira, Rémi Bouchany, Rita Alves, Tiago Barreiros, Valter Fernandes

Intérpretes estagiários **Joana Couto, Tomás Fernandes**

Coprodução **Centro Cultural de Belém, Centro de Arte de Ovar, Teatro**

Aveirense, Teatro Nacional São João

Apoio à residência **A Oficina/CCVF, GrETUA, LPstudio, Teatro Municipal do Porto**

Apoio **Camões – Centro Cultural Português em Maputo**

A Nome Próprio é uma estrutura residente no Teatro Campo Alegre, no âmbito do programa Teatro em Campo Aberto, e tem o apoio da República Portuguesa – Ministério da Cultura / Direção-Geral das Artes.

NOME PRÓPRIO



COPRODUÇÃO



APOIO À RESIDÊNCIA



GrETUA

Porto.

Teatro Municipal do Porto
Rivoli ● Campo Alegre

APOIO



APOIO MEDIA





CRONOLOGIA DESARRUMADA DE UM MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO

Perdemos o mote para esta criação logo no começo do processo de trabalho com o corpo. Havia uma ideia e havia uma imagem — não coincidentes, ambas fortes. Como quase sempre no trabalho do Victor Hugo Pontes, a ideia lançou raízes, ramificou-se, emagreceu e engordou, ficou diferente; já a imagem, foi-se transformando numa nova ideia. Nunca deixou de ser imagem, e sabemos que será ela a perdurar, quando este espetáculo deixar de ocupar os palcos.

Deixámo-nos conduzir pelo que diz um corpo quando esse corpo toma para si o espaço físico que preenche, em vez de ser tomado por ele. Não: deixámo-nos conduzir pelo que dizem dezanove corpos quando todos em massa transformam num lugar só para si o gigantesco espaço físico e emocional onde tudo vai acontecer. Aceitámos entrar, sabendo que nos vamos perder.

[Primeira nota: isto não é uma charada, é um exercício de partilha em três momentos. Partida, largada, fugida. Lembrem-se de que haverá sempre aquela primeira imagem.]

1. Me dá esse coração aqui, pega o rim para você, em troca desta perna eu te dou o baço e o fígado. [...] Só o exercício de quebrar muros dentro de nossos corpos se mostrou uma experiência poderosa para todes que se arriscaram a ela. — Eliane Brum

Diz-se muitas vezes que cada corpo é um campo de batalha, mas nenhuma metáfora bélica nos serve aqui. Para começar, seria uma guerra perdida. Talvez por isso tenhamos trocado o léxico do costume por palavras que são corpo: pele, cabelos, músculos, ossos, suor, sangue, sexo, lágrimas. Mas também: mãos que amparam cabeças, pernas que se entrelaçam em troncos, pés que empurram pescoços, pulmões que se abrem ao mundo, dentes que nos abocanham. Nenhuma destas palavras está em cena. Diante do corpo, diante de dezanove corpos nus, há uma só palavra possível: liberdade. Quando compreendemos isto, reencontrámos aquela primeira ideia perdida. A tal ideia que se tornou imagem que se tornou ideia.

2. Temor. Metamorfose. Osmose. Prazer. Inspirador. Puertas. Ouriço-cacheiro. Nostalgia. Viagem. Inefável. Fauvisme. Alegria. Abraçar. La mue. Descoberta. Cedência. Vulnerável. Tornado. União. — Intérpretes

Mais ou menos a meio do processo criativo, pedimos uma palavra a cada um. Se as transformarmos numa imagem, vemo-las em cena. Um corpo livre é também um corpo que escolhe as palavras que quer inscrever no tempo e no espaço que partilha com outros corpos. Praticámos exercícios de liberdade, sabendo que ela começa quando se descobrem as primeiras fronteiras: violência, vergonha, culpa, vigilância, censura, repressão. Foi exactamente neste núcleo livre que irrompeu a vibração irreprimível dos dezanove corpos nus. Nada os podia parar — nem a história da humanidade, nem os monstros no armário, nem o desastre do futuro.

3. A contas com o mal por que passei / Com tantas guerras que travei / Já não sei fazer as pazes / São flores aos milhões entre ruínas / Meu peito feito campo de batalha — José Mário Branco

Voltando ao início. Começámos por isolar um verso de uma canção, como quem isola, em laboratório, uma partícula essencial para iluminar o todo: mergulhámos na «Inquietação», e quando voltámos à tona todos os sentidos ficaram alerta. Fomos por aí, elegendo o corpo nu como o grande signo em cena — uma massa física colectiva, primordial. Na fisicalidade dos intérpretes, descobrimos o que nos move, o que nos assusta, o que nos ameaça, o que nos transforma, o que nos ampara, o que nos condiciona, o que nos liberta. No corpo de baile despido em palco, encontrámos o mais pleno sentido do humano e percebemos que não precisávamos de mais. Passaram cinquenta anos desde 1974, vivemos na iminência de um colapso, desistimos da salvação. Ainda assim (por isso mesmo?), encontrámos uma ideia muito mais livre do que pode ser a liberdade. A imagem, no fundo, é este caminho que percorremos. Cá dentro, libertação.

[Segunda nota: obrigada aos intérpretes deste espectáculo, que me acolheram no seu círculo íntimo de liberdade; obrigada ao Victor Hugo Pontes, que não desiste das minhas palavras para as suas ideias-imagens.]

Madalena Alfaia

(a autora escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)

Victor Hugo Pontes

Nasceu em Guimarães, em 1978. É licenciado em Artes Plásticas – Pintura (Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto) e frequentou a Norwich School of Art & Design. Formou-se ainda no Balletteatro Escola Profissional, no Teatro Universitário do Porto e no Fórum Dança. Na Fundação Calouste Gulbenkian, fez o curso de Encenação de Teatro, dirigido pela companhia Third Angel; na Bélgica e em Itália, fez o curso do Projet Thierry Salmon – La Nouvelle École des Maîtres, dirigido por Pippo Delbono.

Como criador, o seu percurso inicia-se em 2003, com *Puzzle*. Desde então, apresentou o seu trabalho por todo o país, assim como em Espanha, França, Itália, Alemanha, Rússia, Áustria ou Brasil. Das suas mais recentes criações, destacam-se *Fuga sem Fim* (2011); *A Ballet Story* (2012); *ZOO* (2013); *Ocidente*, de Rémi de Vos (2013); *Fall* (2014); *COPPIA* (2014), em cocriação com Manuela Azevedo e Hélder Gonçalves; *Se alguma vez precisares da minha vida, vem e toma-a* (2016);

Carnaval (2016) e *Madrugada* (2019), ambas a convite da Companhia Nacional de Bailado; *Nocturno* (2017), em cocriação com Joana Gama; *Margem* (2018; Prémio SPA Melhor Coreografia); *Drama* (2019); *Os Três Irmãos* (2020), com texto de Gonçalo M. Tavares; *Meio no Meio* (2021); *Porque É Infinito* (2021); *Corpo Clandestino* (2022) e *Bantu* (2023).

É, desde 2009, diretor artístico da Nome Próprio, uma associação cultural dedicada à dança contemporânea e ao teatro.

A Nome Próprio tem desenvolvido projetos com inúmeros artistas e instituições, apresentados em todo o país e também internacionalmente: Centro Cultural de Belém, Fundação Calouste Gulbenkian, Culturgest, Teatro Nacional São João, Teatro Municipal do Porto, Centro Cultural Vila Flor, Maria Matos Teatro Municipal, Teatro Municipal São Luiz, Festival Panorama (Brasil), Festival de Danse de Cannes e Théâtre de la Ville (França), Théâtre de Liège (Bélgica), entre outros.

Mais informações em **www.nomeproprio.pt**

Packs Natal CCB

CCB presente
todos os dias

**Ofereça
com desconto!**

Comprando em pack,
poupa 20%
em cada produto.



JÁ A SEGUIR
7 A 9 FEV 2025 — DANÇA

MAURICE ACCOMPAGNÉ
COMPANHIA PAULO RIBEIRO

Este ano, a Companhia Paulo Ribeiro iniciou uma nova trilogia coreográfica inspirada na música e nos seus compositores, abordando três épocas: o início do século XX, os anos 1960 e a atualidade. Cada peça explora a vida e a obra de compositores como Luís de Freitas Branco, Ravel, Louis Andriessen, Luís Tinoco, Joly Braga Santos e Benjamin Britten. A trilogia busca mostrar como a música e o corpo transcendem o tempo e ligam as pessoas, refletindo a dimensão e a elevação dessas formas de arte.

Maurice Accompagné, a primeira parte da trilogia, irá incidir sobre o início do século XX, cruzando a vida e a obra de Luís de Freitas Branco e de Ravel.

Coprodução 2024-26 Centro Cultural de Belém, Teatro Nacional São João,
Convento São Francisco, Festival de Danse de Cannes

Sex, 20h / Sáb, 19h / Dom, 17h
Pequeno Auditório
M/6

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2025-2026

